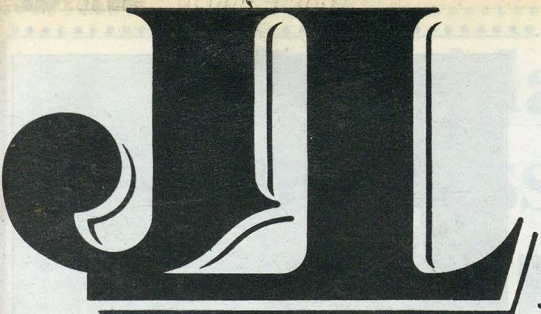




JOSÉ CARDOSO PIRES
PRÉMIO UNIÃO LATINA

jornal de letras, artes e ideias

ANO XI n.º 487 • De 5 a 11 de Novembro de 1991 • 140\$00 • Semanário • Director José Carlos de Vasconcelos • Director adjunto Luis Almeida Martins

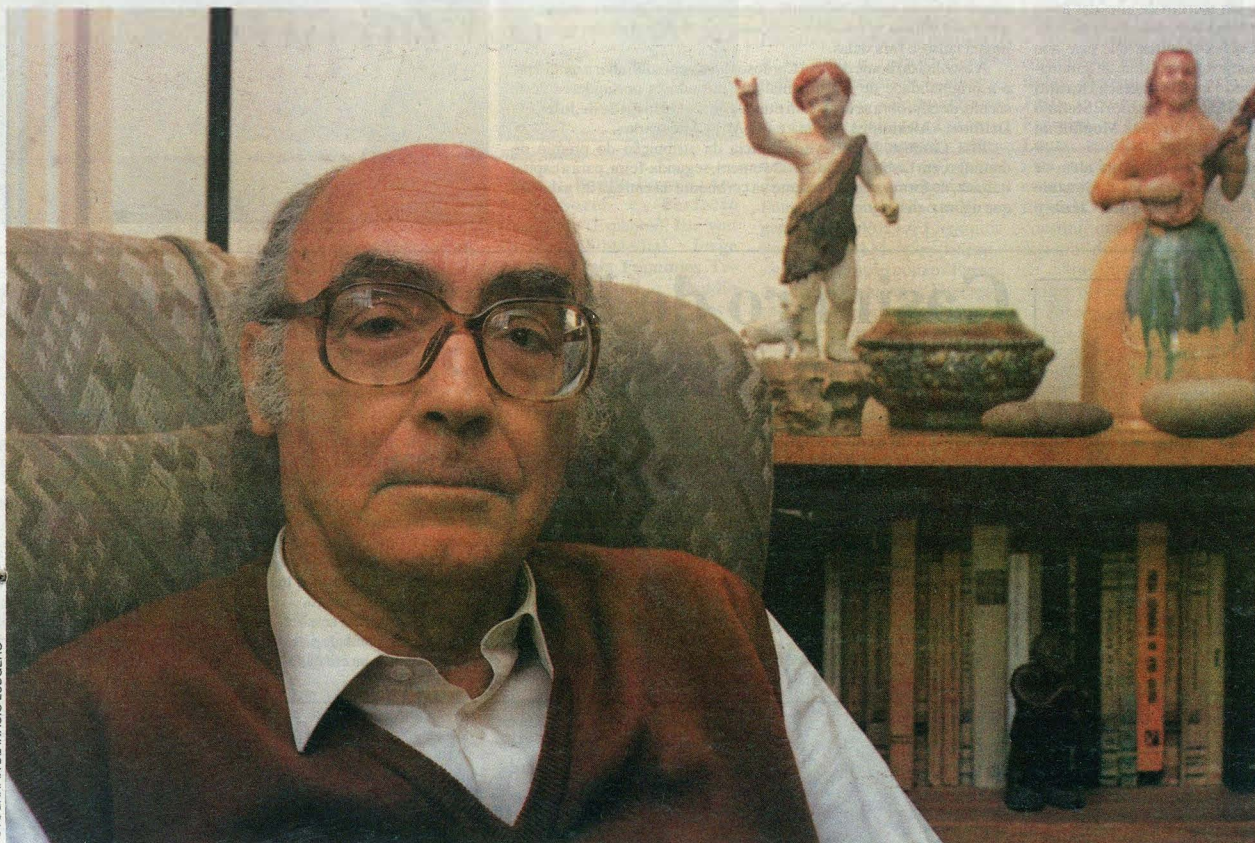


Margarida Cepêda
A BUSCA DO INFINITO



CENTRO DE ARTE
Rua de Dona Estefânia, 195-D - 1000 Lisboa

O EVANGELHO SEGUNDO JOSÉ SARAMAGO



Jesus é um homem bom, mas infeliz, expiando a culpa de seu pai José e servindo de instrumento da vontade de Deus, símbolo do Poder autoritário, verdadeiramente o mau da fita... É o novo livro de José Saramago, «O Evangelho Segundo Jesus Cristo», um grande romance que será lançado na próxima semana e que vai dar muito que falar. O JL leu-o ainda no original e JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS fez ao escritor uma longa entrevista que revela e ilumina o «novo» Saramago

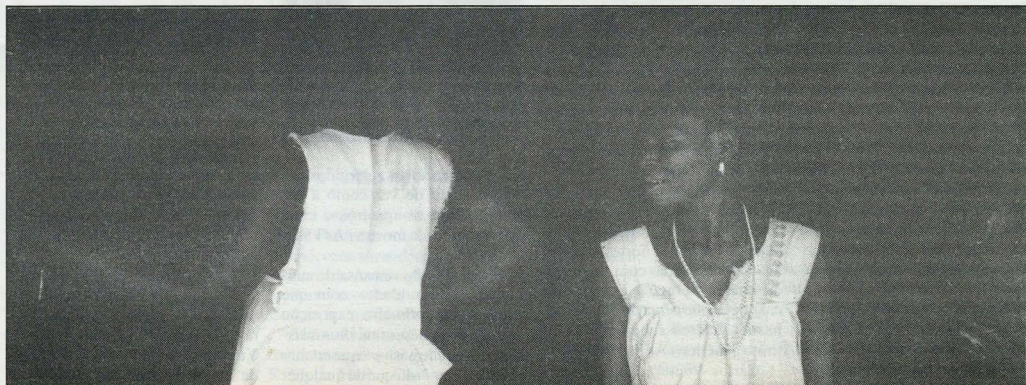
Págs. 8/10

LEVANTADO DO CÉU

FOTOGRAFIA
EM COIMBRA

ENCONTROS
DE PRIMEIRO
GRAU

Págs. 22/23



FOTOGRAFIA DE JOSÉ MAÇAS DE CARVALHO

PARA SAIR
DA CRISE

INQUÉRITO
AOS
EDITORES

Págs. 11/15

José Saramago:

«Deus é o mau da fita»

Vem aí «O Evangelho Segundo Jesus Cristo» que vai dar muito que falar. O JL já leu e vai mais longe nesta entrevista com o escritor, revelando o que é o romance. E muito mais...

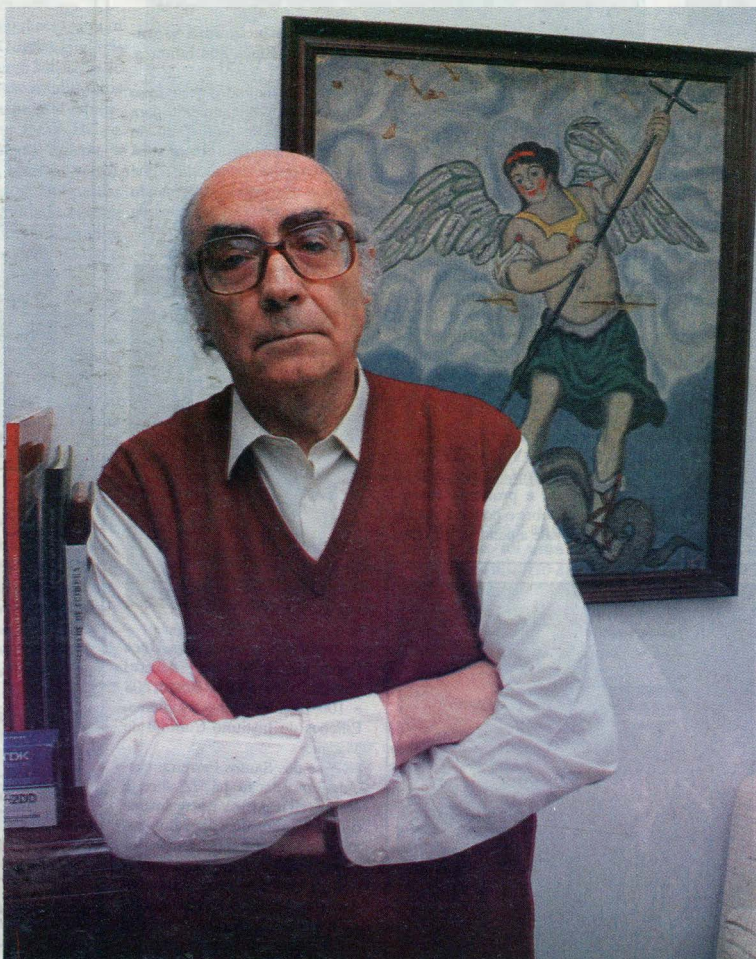
José Carlos de Vasconcelos

É UM GRANDE ROMANCE — ALÉM de ser um romance grande: 445 páginas, quer impresso, quer no original que li — este «O Evangelho segundo Jesus Cristo», de José Saramago, que ontem, segunda-feira, 4, foi posto à venda no Brasil, edição Companhia das Letras (10 mil exemplares), e na próxima quinta-feira, 7, será apresentado em Portugal, edição Caminho (50 mil exemplares), criando uma expectativa que ultrapassa ainda a das suas anteriores obras.

A razão é simples: o tema do livro — a vida de Jesus — e o carácter polémico, «heterodoxo» ou mesmo com sabor a heresia, face aos cânones da Igreja, com que se anuncia — e que de facto tem. Ao longo da longa conversa que se seguiu o leitor compreenderá a extensão e profundidade com que Saramago dá a volta à tradicional história de Jesus, quer invertendo ou apresentando sob perspectiva diversa factos ou episódios citados nos Evangelhos quer «preenchendo» os espaços desconhecidos da sua vida quer apresentando novas teses e interpretações. De forma serena ou segura e sendo perfeitamente nítido que não visa nem a popularidade fácil — de que já não precisa e é contra a sua forma de ser — nem muito menos o escândalo.

Escândalo que, no entanto, não se estranhará se vier a surgir. Hoje já não há Inquisição (que o leva a escrever em certo passo do seu «Evangelho»: «É preciso ser-se Deus para gostar tanto de sangue»), por isso o escritor não pode ir parar à fogueira ou ser por ela perseguido como um dos heróis do «Memorial do Convento». Por outro lado, nem este livro tem nada à ver com «Os Versículos Satânicos», nem a Igreja actual tem nada a ver com os métodos do fundamentalismo islâmico. Agora polémica, indignação e até escândalos, repito — é bem possível que haja, pois Jesus, por exemplo, é um homem bom, mas infeliz, expiando as culpas de pai José e tendo em Maria Madalena a sua única paixão, e Deus é o mau da fita, serve-se de Jesus, simboliza o «Poder autoritário e opressivo», actua como «os políticos que não olham a meios para atingir os seus fins». Em véspera de completar 69 anos de idade, com uma crescente projecção internacional, que fazem dele já não só o autor português mais traduzido e conhecido em todo o mundo como mesmo um dos escritores europeus de maior nomeada internacional, Saramago escreveu o seu romance mais ousado, com a qualidade dos seus melhores livros que o precederam e com uma clareza e um rigor narrativos que os ultrapassam.

Quando, há quatro anos, julgou ver num quiosque de Sevilha o título inexistente que agora é o do romance que por essa altura decidiu escrever, Saramago decerto não imaginou até onde iria com este seu «Evangelho». «Evangelho» que começou há pouco mais de dois anos, e, após muitas viagens, muitos debates, muitos colóquios, muitas interrupções e um descolamento da retina, acabaria no passado mês de Agosto, fechado em casa de um amigo. Mas, entretantão, já tem projectos para novos livros, um dos quais — revela-o aqui em



Fotos de Inácio Ludgero

primeira mão —, uma biografia do padre António Vieira. Bom, mas é fundamentalmente, quase exclusivamente, do «Evangelho segundo Jesus Cristo», isto é: o Evangelho segundo José Saramago, de que se fala nesta entrevista, pois de muitas mais coisas da sua obra e da sua vida falamos em outra entrevista de fundo que lhe fiz, publicada também aqui no JL (edição de 14-8-89).

«Jornal de Letras» — Poder-se-á dizer que nos seus livros anteriores inventa uma história que conta, mesmo quando há factos históricos reais a ela ligados, enquanto neste seu novo romance conta uma história que no essencial não inventa — a vida de Jesus Cristo — embora crie, acrescente ou veja sob uma perspectiva diferente muita coisa?

José Saramago — De certo modo pode: o ponto de partida desta história são os Evangelhos, como são conhecidos, sobre a existência que se supõe ter sido a de Jesus. Mas os Evangelhos falam apenas de alguns episódios da infância, escassíssimos, e depois da parte final da sua vida, quando começam os milagres, etc. Entre estes dois momentos há um grande vazio, era preciso ocupar ou encher todo o tempo que resta; mais, era necessário dar-lhe uma coerência.

Assim, há toda uma invenção que não é menor do que nos romances anteriores ou em boa parte deles. Acresce que neste livro se pretende — à luz de uma vida que não está contada nos Evangelhos, e que é inventada neste — fazer uma revisão dos próprios factos narrados naqueles evangelhos. Ou seja: é a invenção que dá um sentido novo aos dados supostamente adquiridos.

A concepção e a paternidade de Jesus

«JL» — Além dos Evangelhos propriamente, tiveram alguma importância como documentação básica para o seu trabalho, os apócrifos e livros como o célebre de Renan sobre a vida de Cristo, os de Kazantzakis ou outros?

J.S. — Li o Renan há muitíssimos anos (hoje não se percebe, ou só se percebe à luz da época, o escândalo que então causou) e não o voltei a ler, nem fiz leituras das múltiplas vidas de Cristo que se escreveram, do Kazantzakis ao Papini e ao Daniel Rops ou ao que no François Mauriac tem a ver com os Evangelhos. Pelo contrário, tentei ir para este livro despindo-me de tudo aquilo que tivesse sabido antes por outras leituras que não os Evangelhos, o Novo e o Velho Testamento. Fiz algumas leituras foi sobre a época, a história do tempo, o modo de viver, os costumes, a habitação, os trajes, a comida, isso tudo sobre que ia assentar o meu edifício ficcional.

«JL» — Qual dos Evangelhos é que acha mais interessante?

J.S. — O mais antigo, o de S. Marcos, por ser o mais simples, o mais directo, o menos adornado. Literariamente os outros são talvez mais belos, mas o de Marcos é a informação básica.

«JL» — O romance começa com a descrição pormenorizada de uma gravura e segue depois com a narrativa cronológica da vida de Jesus, na sua versão clara, desde a noite, quase madrugada, da concepção de Jesus. Aí há o primeiro trecho do livro que levantará polémica: as relações sexuais efectivas entre José e Maria. No

entanto eles têm relações (de certo modo pronunciando o que depois ocorrerá em muitos outros passos, em que o humano de qualquer modo tem um toque de «divino»...), eles têm relações num clima muito especial, diria quase sobrenatural...

J.S. — Bom, eu não poderia descrever a concepção de um ser com um destino como será o de Jesus como qualquer coisa de banal, tinha de rodeá-lo de uma certa atmosfera que tem a ver quer com a importância do acontecimento quer com a necessidade de captar o leitor para ela. E nascer, seja um deus ou um ser humano vulgar, pode ser encarado como qualquer coisa que requer de nós uma atitude reverencial. A atmosfera que envolve tudo isso, a luz violeta no céu com nuvens como novelos espalhados, como pequenos flocos ligados uns aos outros, no fundo foi o aproveitamento de uma experiência directa de uma manhã em que eu saí de casa muito cedo e desde a ponte até Palmela, quase Setúbal, o céu estava assim, maravilhoso. Foi um espectáculo de que não me esqueci...

«JL» — Quando foi isso?

J.S. — Foi já depois da ideia do livro, mas antes de o começar. E nesse momento fiquei com a certeza de que ia aproveitar essa luz, essa atmosfera, na altura de juntar José e Maria.

«JL» — De qualquer forma, você faz Jesus nascer dessas relações sexuais, humaniza a sua figura, mas depois lá mais para a frente, designadamente nos encontros com Deus, fala-se de «conúbio misto», que não é altura de investigar a verdadeira paternidade, sempre difícil de descobrir...

J.S. — Havia que considerar a presença de Deus em tudo isto. Uma vez que nos Evangelhos se diz que Jesus é filho de Deus eu não quis retirar a Deus essa paternidade. Então a única maneira de o fazer, de conciliar essa necessidade com o facto de Jesus ser filho biológico de José e Maria, era Deus passar por ali naquele momento e como que participar naquela paternidade, o que é dado por aquela atmosfera, aquela luz, tudo isso. Deus aproveitou a ocasião. Mas, como se recorda, isso mesmo é posto em dúvida pelo próprio anjo: é um modo que eu tenho, entre outros, é como sucede em diversas passagens, de desmontar seriamente pela ironia (porque a ironia é uma coisa séria) coisas que assumiram demasiada importância.

Deus como encarnação do Poder autoritário e opressivo

«JL» — Pode-se dizer que Jesus, no seu romance, não tem muita sorte com nenhum dos pais...? José, apesar de ter uma certa dimensão, é afectado por um acto da sua vida, que o marcará para sempre com um forte sentimento de culpa (já falaremos nisso), e Deus (que «não perdoa os pecados que manda cometer»), é o mau da fita...

J.S. — A figura de José é dramática: sai de coisa nenhuma que é um Evangelho para outra dimensão humana que lhe é dada por esse sentimento de culpa. Deus, Deus de certo modo é de facto o mau da fita: em primeiro lugar, quase dá vontade de dizer, é a encarnação do Poder, tomando o Poder neste caso ainda mais abstracto que o próprio Deus que o encarnaria. E quando o Poder, (além de ser naturalmente antipático) se exerce de uma forma tão autoritária, tão opressiva, como na relação de Deus com Jesus, quando sabemos tudo que se vai passar em sofrimento, em horror, em renúncias, em sacrifícios, em torturas, em tudo aquilo, além do que de positivo teve — que foi a história do Cristianismo, dá vontade de tratar — a mim deu-me — Deus como o grande responsável. Ao querer mais poder, mais influência, mais domínio, Deus de certo modo é o político que não olha meios a para atingir os seus fins.

«JL» — E se serve de Jesus como um seu simples instrumento...

J.S. — Sim, sim, Jesus desde o primeiro momento está a ser conduzido, embora ninguém o saiba, pela mão invisível de Deus. É uma espécie de jogo de xadrez em que após uns tantos lances há o xeque-mate que é a morte na cruz.

Claro que tudo isto é um bocado irrespeitoso, no bom sentido: não se pode dizer que o meu romance

seja uma leitura edificante: ou é uma leitura edificante de outro modo.

«JL» — No seu «Evangelho» resulta bem claro que Jesus tem consciência disso, chega a dizer, sobre Deus: «Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez». Parece-nos mesmo que, a certa altura, Jesus quer apressar o seu fim, a sua morte.

J.S. — Isso acontece não tanto porque ele queria chegar ao fim, mas por uma tentativa de iludir a vontade ou decisão de Deus, fazendo alguma coisa à sua revelia, como que não lhe dando tempo de se aperceber do que se está a passar. Assim, Jesus decide morrer não como Filho de Deus mas apenas como rei dos Judeus, como alguém que tem a ambição política de se tornar rei do seu povo, expulsar os romanos, governar Israel. O que ele não sabe é que mesmo isso está previsto na lógica de Deus, é um dos lances desse jogo de xadrez que acaba com o seu sacrifício: nesta minha interpretação o Cordeiro de Deus é o cordeiro que Deus sacrifica.

A relação Deus-Diabo

«JL» — Deus, que neste romance aparece muito de par com o Diabo, os dois são quase como duas faces da mesma moeda, não é?

J.S. — Eu acho que eles andam sempre juntos em todas as circunstâncias. Sempre que a influência de Deus se alarga a do Diabo alarga-se também. Eles, não podem deixar de coexistir. Não é possível imaginar uma religião em que haja apenas Deus como Sumo Bem sem a correspondente existência do Mal que, pelos vistos, segundo lições da própria Igreja, parece que é exterior ao homem, que o influencia, o tenta, o conduz por maus caminhos, para o pecado. Eu diria que tudo isto nos torna a nós, pobres seres humanos, a vida muito difícil (risos).

«JL» — Um dos processos narrativos mais conseguidos do livro, parece-me ser uma certa dialéctica entre o que se está a contar e o facto de os próprios personagens do romance, sobretudo Jesus, já sabermos tudo que vai acontecer no futuro e até às vezes o referirem.

J.S. — Sim, no fundo isso é a posição em que se encontra o narrador num romance que tenha um tema que nós chamamos histórico...

«JL» — Mas nos seus outros romances não me lembro de isto acontecer com tal intensidade.

J.S. — No caso do «Memorial do Convento» há muitas referências a acontecimentos que vêm depois, não podem ser do conhecimento das personagens, são só do conhecimento do narrador, que portanto introduz deliberadamente anacronismos. No caso deste livro, não se trata tanto do recurso a este jogo mas sim do facto do ponto de observação ser outro, o de Deus, que olha para o tempo para diante e para trás, pode ver tudo e saber tudo. Não é o narrador que faz isso, ele utiliza esse conhecimento que Deus tem e que Jesus passa a ter, quando o força a contar-lhe aquilo que vai acontecer depois. Digamos que o narrador usa esse processo em segunda mão.

«JL» — Outro processo que você usa com muita frequência, é o das súbitas referências a realidades actuais e na linguagem de hoje: diz de S. José com um emprego precário, que se fosse hoje seria um tarefeiro, escreve que «o próprio Golias só não foi para jogador de basquete por ter nascido antes do tempo», etc.

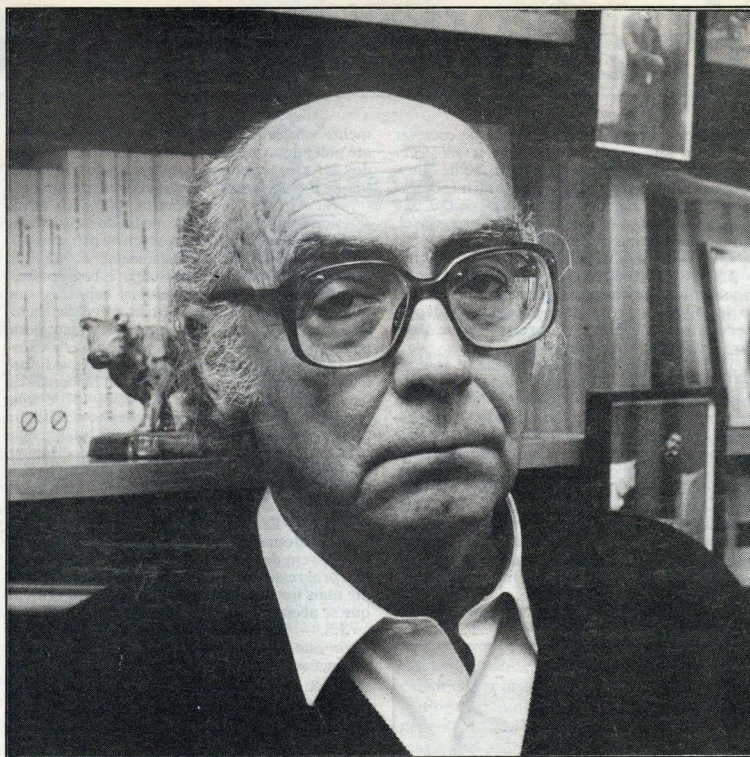
J.S. — Pois, e com isso nego essa ideia de eu fazer romances históricos. Eu não faço nada romances históricos. Num romance histórico, o narrador se atrevera nunca a esses saltos contínuos no tempo, a tais referências a modos de fazer, a modos de pensar, a modos de dizer que não são da época. Por exemplo, quando José surpreende a conversa dos soldados que vão matar as crianças em Belém, um deles é designado pela patente de sargento, para produzir esse efeito de deslocação constante no tempo.

O pecado e a expiação de José

«JL» — Esse é, aliás, um episódio fundamental: há no seu livro uma grande valorização, que não consta dos Evangelhos, do facto de José, pai de Jesus, não ter avisado toda a gente e se preocupar só em salvar o filho. A partir daí, existe nele sentimento de culpa e de remorso, que tem uma influência decisiva na evolução da história, segundo o romance.

J.S. — Sim, sim. Isso é pura invenção minha. Nos Evangelhos, José considera a sua acção a coisa mais natural deste mundo, nem lhe passa sequer pela cabeça fazer aquilo que qualquer homem comum, suponho eu, faria: avisar os seus vizinhos de que vêm aí os soldados de Herodes matar os seus filhos.

Eu atrevo-me a dizer, contra a letra e o espírito dos Evangelhos, e suponho que contra todos os comentadores, que, em linguagem penal de hoje, José é um criminoso por omissão. E vai pagar com aquilo com que em geral essas coisas se pagam: o remorso, o sentimento de culpa, que de certa maneira



O problema de Jesus é que não pode fugir ao seu destino (...) Deus é a encarnação do Poder que se exerce de forma autoritária, opressiva (...). De certo modo é o político que não olha a meios para atingir os fins

ra lhe vai destruir a vida, ou, pelo menos que lhe destrói a alegria e a tranquilidade.

«JL» — Sentimento que depois se passa para Jesus...

J.S. — Jesus herda-o, porque os filhos herdam tudo dos pais. Jesus herda esse sentimento de culpa, que ele começa por não compreender em que consiste, e que vem depois a descobrir. Afinal de contas, a gente lê os Evangelhos e pergunta: o que é que Jesus andou a fazer durante aquele tempo todo? E não há resposta, claro. Segundo a minha versão, é este facto, a descoberta daquilo que aconteceu com seu pai e porque Jesus se sente responsável: para salvar a sua vida perderam-se as vidas de vinte e tantas crianças. (Em termos estatísticos, considerando a importância de Belém na época, calcula-se que o número de crianças com aquela idade fosse esse). Esta história explica por sua vez a ruptura de Jesus com a família, que resulta da leitura dos Evangelhos, cujas causas nunca são ditas. Eu não podia contentar-me com esta ausência de explicação e creio que a que dou; pelo menos, faz sentido.

«JL» — Você é mais exigente com José que Deus e os Evangelhos tradicionais.

J.S. — Sou mais exigente com o José, de facto. Não vejo José como figura meramente decorativa, um velho impotente que é colocado nos Evangelhos para fazer avultar mais ainda a pureza e a virgindade de Maria. Eu achei que um pai tem um lugar na vida do seu filho, um marido tem um lugar na relação com a sua mulher. Há ali uma família e eu perguntei-me que família é esta, como é que ela se constitui? Do meu ponto de vista, constitui-se normalmente, como qualquer família da época naquela região e com aquela religião. O que acontece a partir daí ainda tem de obedecer às regras do tempo e ao tipo de relação intrafamiliar — depois, há o elemento perturbador da intromissão de Deus. Mas naquilo que tinha a ver com José, como pai e como marido, eu entendi que lhe devia dar uma vida — e uma morte.

Maria, «mãe portadora»

«JL» — Aliás, depois mata-o aos 33 anos e também crucificado, o que julgo ter o valor

simbólico de antecipar a morte do filho...

J.S. — De certa maneira antecipa a morte do próprio filho. É como se cada um deles tivesse de pagar pela mesma culpa, expiar a mesma culpa.

«JL» — No Evangelho não há referência à morte dele?

J.S. — Não. Há-as em alguns Evangelhos apócrifos, que a Igreja não reconhece, mas eu também não utilizei essas versões da morte de José. Considero, sim, que sendo a época na Galileia de guerra, porque efectivamente havia guerra e foram crucificados, naquela época, dois mil judeus...

«JL» — Escreve, a certa altura, cujas cruzes, espalhadas quilómetro a quilómetro, dariam a volta a Portugal...

J.S. — Exactamente. Há essa referência para que o leitor tenha uma ideia clara, visual, espacial, do que representa dois mil crucificados. Fazer morrer José nessa altura não é ilógico, sobretudo quando tem a iniciativa de tentar salvar aquele vizinho em Sefors, uma cidade que foi arrasada, a 8 quilómetros de Nazaré. Bom, mas se há uma vigamestra neste livro é exactamente essa culpa, que me levou a repetir a cena de Jesus entre os doutores num contexto completamente diferente: Jesus não vai dar lições aos doutores, vai perguntar sobre a culpa e a expiação da culpa, essa mesma culpa que o levou a sair da casa dos seus pais.

Madalena, a grande figura

«JL» — Seja como for, julgo que o José é uma figura humanamente mais rica e mais forte que a Maria, que é meramente passiva, a certa altura chamam-lhe «mãe portadora», de facto a grande figura feminina do livro — e há sempre figuras femininas muito fortes, quando não dominantes, nos seus livros, neste menos por razões óbvias — e a grande figura, com Jesus Cristo, é de Maria Madalena (Maria de Magdala).

J.S. — Vamos lá ver: isso está na lógica do tempo. Basta citar aquilo que os judeus diziam, e não sei se ainda dizem hoje, «bendito sejas tu, Senhor, por não me teres feito mulher». Por aqui se vê quão limitada era na sociedade do tempo o papel

da mulher. Era uma sociedade, se quisermos empregar o termo actual, machista por excelência. Todo o culto que se organiza depois à volta de Maria é um culto que vem muitíssimo mais tarde, do século VI ou do século VIII até aos dias de hoje, em que, de repente, parece que a Virgem Maria tem mais importância que Jesus, e Jesus tem mais importância que Deus.

Ora bem, Maria Madalena é o irregular, o marginal, é o que não pertence àquela sociedade, digamos que sendo como é uma prostituta está fora...

«JL» — Maria Madalena que, no seu livro, vive com Jesus até à morte foi uma paixão e é a sua companheira («até me chega a parecer que voltei a nascer», diz ele, a certa altura).

J.S. — Ela vive com Jesus até à morte, o que também não tem de escandalizar ninguém porque no grupo constituído por Jesus e pelos discípulos andavam acompanhados pelas mulheres que os serviam. E o entendimento do que significa este «serviam» fica à contada de cada um, pode entender-se mais ou entender-se menos. Na minha leitura, Maria Madalena é a companheira de Jesus e a partir do momento em que se conhecem, e companheira ficará até ao fim. E para tomar a lição dos Evangelhos, mesmo depois, porque Jesus aparece-lhe após a Ressurreição.

Jesus, um mau filho

«JL» — No seu romance, Jesus é quase o que se poderia chamar um mau filho: trata a mãe, pelo menos sem piedade, é impositivo, sendo o primogénito vira-lhe as costas e vem-se embora, deixando-a com os irmãos todos...

J.S. — Mas repare, mesmo nos Evangelhos, Jesus não é aquilo a que se podia chamar, em termos correntes de hoje, um bom filho. Quando, a dada altura, lhe vão dizer — e agora refiro-me aos Evangelhos — «estão ali tua mãe e teus irmãos», ele responde, «quem são minha mãe e meus irmãos? Minha mãe e meus irmãos são aqueles que me seguem». E não os vai ver. Há um ou outro passo em que a família diz que ele está louco. Quer dizer, a relação de Jesus com a família é uma má relação. De quem é a culpa? Isso os Evangelhos não o dizem. Eu, por mim, o que me preocupa muito foi humanizar aquela gente, humanizar figuras que se tornaram, dá vontade de dizer, figuras de altar.

«JL» — No entanto, há umas partes em que se fica com a ideia do narrador levar muito a sério a dimensão sobrenatural de Jesus. Pelo menos nos milagres.

J.S. — Os milagres são todos desmontados. Repare, e só para lhe dar um exemplo, a história dos demónios que Jesus expulsou do possesso e entraram nos porcos: o homem ficou libertado, os porcos atiram-se ao mar, morrem todos afogados e Jesus encontra-se diante da inutilidade daquele milagre. E como os demónios não podem morrer, é fácil presumir que ficaram disponíveis para entrar no mesmo possesso.

Na descrição dos milagres, às vezes numa pequena palavra, há sempre ironia, e de vez em quando, mesmo uma censura explícita a Jesus como, por exemplo, quando ele fica indignado pelo facto de a figueira não ter frutos numa altura em que não nos podia ter e amaldiçoar a pobre figueira que não estava em época de dar frutos.

«JL» — E a Maria Madalena lhe observa «Darás a quem precisas, não pedirás a quem tiver». Arrependido Jesus ordenou à figueira que ressuscitasse, mas ela estava morta».

J.S. — Exactamente. E há o outro milagre, que é o milagre chave nos Evangelhos, o da Ressurreição de Lázaro, que, neste caso, é negado, porque é ainda Maria Madalena que lhe diz que ninguém cometeu tantos pecados que mereça morrer duas vezes.

Uma marioneta nas mãos de Deus

«JL» — Uma outra parte que me parece fundamental e notável, até pela inteligência, é a dos diálogos de Jesus com Deus. Terão sido essas as páginas mais difíceis para o escritor?

J.S. — Olhe que não posso dizer que foram fáceis, mas decorreram da própria situação. Quer dizer: se não se fugir às dificuldades que cada réplica coloca, se não se procurar encaminhar o diálogo pelo caminho mais fácil para chegar a uma conclusão pré-determinada, é uma coisa muito estimulante e não é difícil porque o narrador não está nem do lado de um nem do lado de outro, limita-se a deixar que as personagens sejam tão espertas ou tão estúpidas quanto naturalmente têm de ser, tem muito a ver com o teatro. E é um tipo de diálogo que bebeu muito no jogo dialéctico do diálogo socrático.

«JL» — Mas o narrador tem nitidamente mais simpatia por Jesus do que por Deus.

J.S. — Sim, o narrador antipatiza francamente com Deus (ri-se). E simpatiza com Jesus.



«Uma meditação total sobre o erro»

«JL» — Embora Jesus seja por vezes uma figura algo contraditória, ou melhor: é excelente enquanto homem, enquanto filho de Deus começa a meter o pé na argola...

J.S. — O problema dele é que não pode de facto fugir ao seu destino, embora creia que talvez o consiga. Há um determinismo, uma espécie de fatalidade que rege todos os seus comportamentos. Até certa altura, ele não dá conta disso, e daí que o sintamos aparentemente mais livre de tomar decisões. A partir de certa altura, em que tem consciência do peso que lhe caiu em cima, do destino que vai ter de cumprir, luta já com pouquíssima fé, tem já a convicção clara da sua derrota final, embora ele tente ainda emendar aquilo que já não tem emenda.

«JL» — Jesus aparece como a representação viva da tristeza e do abandono, quando Deus se serve dele e lhe dá aquelas missões todas para cumprir...

J.S. — De facto, ele é um homem sem saída. É um títere, é uma marioneta, não é nada o filho de Deus, porque se o fosse, estariam os dois de acordo. Até nos próprios Evangelhos, Jesus às vezes dá-nos a impressão de que sente o seu destino demasiado pesado, se sente como alguém que não tem a vida nas suas mãos.

«O meu Jesus é uma criatura de ficção»

«JL» — Você já mo disse uma vez que também escreve para ver a realidade por detrás do imediato, para conhecer melhor as coisas, para as aprofundar. Depois de escrever este livro, passou a ter uma visão diferente de Jesus?

J.S. — Não. Este é um dos mil Jesus possíveis, é o meu Jesus, que eu inventei, que eu criei a partir de certos dados a que eu dei uma vida. Não tenho qualquer razão particular para acreditar mais neste Jesus pelo facto de ser meu do que em qualquer outro que porventura surja noutra obra, escrito por outro autor. Portanto, tenho a consciência clara que o meu Jesus é uma criatura de ficção e para mim vale tanto, neste aspecto, como a Blimunda, o Ricardo Reis ou o Raimundo Silva.

«JL» — No entanto...

J.S. — ...No entanto é uma ficção bastante especial, porque escrever um livro em que Jesus é uma das personagens principais, ou a principal se se quiser, e viver com ela durante vários meses, ou até anos, como aconteceu neste caso, é uma experiência nova. Eu não sei dessa experiência crente, não houve qualquer espécie de conversão ou de revelação que tivesse acontecido enquanto escrevia o livro, saio dele como entrei, com as mesmas convicções. Mas, insisto, é uma experiência que outros escritores (no fundo bebemos todos desse leite do Cristianismo, aquilo que somos ao Cristianismo o devemos, mesmo aqueles que não creem) deviam tentar.

«JL» — Isso agora é uma pergunta que lhe vão fazer dezenas de vezes por esse mundo fora: sendo ateu, comunista, porque resolveu escrever a história de Jesus?

J.S. — Eu vivo nesta sociedade: portanto, ateu, comunista e tudo isso, não me retira o direito de questionar ou de estudar uma figura que é decisiva, é a figura fundamental na civilização em que eu vivo.

«JL» — Foi católico?

J.S. — Não, nunca fui católico.

«JL» — Teve educação religiosa, foi à catequese?

J.S. — Não, nenhuma. A religião não tinha lugar na nossa casa. A minha mãe só depois dos 70 anos passou a ir à igreja.

«JL» — Mas é baptizado?

J.S. — Baptizado sim, é o único sacramento que me caiu em cima.

Igreja, Inquisição e polémica previsível

«JL» — Então ainda pode ser excomungado. J.S. — Sim posso, mas não penso que a Igreja me torne tanto a sério ao ponto de excomungar...

«JL» — O tome tanto a sério ou tome tanto a sério o livro?

J.S. — Eu acho que a Igreja vai fazer de conta que o livro não existe. O que não significa que não surjam por aí alguns ataques, mas não será a Igreja directamente como instituição que vai produzir uma nota ou um comunicado.

«JL» — É capaz de dar um editorial da Rádio Renascença.

J.S. — Sim, um editorial da Rádio Renascença é capaz de dar (ri-se).

«JL» — Isso diverte-o ou preocupa-o?

J.S. — Nem me diverte nem me preocupa.

Cumpri uma espécie de dever: tinha de escrever este livro, está escrito. O que possa acontecer depois atingir-me-á, de uma maneira ou de outra, positivamente ou não, mas de uma certa maneira as questões que se vieram a pôr não são comigo. São com o livro. Sou o seu autor e o único responsável, não o podem retirar da circulação.

«JL» — Já não há inquisição...

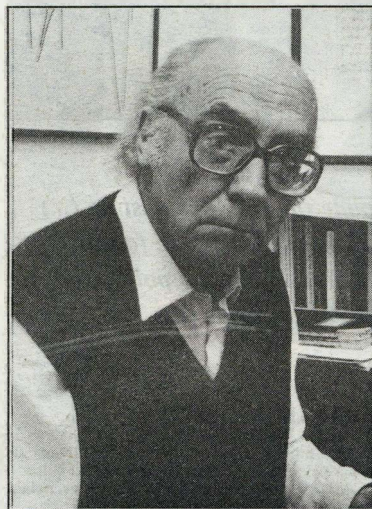
J.S. — Não há inquisição, não há censura.

«JL» — Inquisição que é uma das coisas que no seu livro se prevê para o futuro. E depois escreve, o que é duro: «É preciso ser-se Deus para gostar tanto de sangue»...

J.S. — É uma frase dura, mas que se aplica a qualquer religião, não tem apenas a ver com o Cristianismo. Se formos ver por aí o que se passa em matéria de religiões, é o absurdo. A relação entre os crentes, entre os fieis, e Deus passou e continua a passar pelo sofrimento, isso é uma coisa que não entra na cabeça, que eu não concebo. Porque você repare: Deus não tem o direito de criar seres a não ser para a sua — sua, deles — felicidade.

«JL» — Num dos passos do livro, em que Deus conta a Jesus o futuro, fala dos mártires da Igreja e depois das vítimas da Igreja. Mas aí o posicionamento de Deus é de apoio à Inquisição, feita verdadeiramente em seu nome.

J.S. — A questão é esta: uns morreram por



**Tenho uma ideia
— e é a primeira vez
que a estou a revelar —
de escrever uma biografia,
contada com muita
proximidade, do padre
António Vieira**

acreditarem e depois há outros que vão morrer por não acreditarem. Deus não pode aceitar que alguém não acredite, portanto, na lógica da sua posição, ele tem de estar de acordo com a Inquisição. Jesus assusta-se com isso, e pergunta: Mas isso é realmente necessário? E é então que o Diabo diz: Acabemos com esta história, eu deixo de ser o Mal, fico outra vez contigo, não há mais problemas. Mas Deus responde-lhe: Nem pensar. Quer dizer, você não me serve...

Narrativa mais simples

«JL» — O seu livro é uma ficção, claro mas, de facto julgo que não só cá como internacional-

mente vai ter outra dimensão e outro impacto, até polémico, que não teve obviamente nenhum dos anteriores por causa do tema e do tratamento que lhe dá. Admite que isso possa acontecer?

J.S. — Claro, com certeza. Os meus livros anteriores são aquilo que são, no fundo são histórias que as pessoas lêem de que gostam ou não, mas não põem em causa nada de fundamental. E este livro põe. Portanto, cada leitor vai reagir. É bem possível até que eu perca alguns leitores habituais, que toleraram algumas irreverências (algumas heresias), nos livros anteriores, mas que diante deste podem dizer: «Este senhor excedeu-se.» Em resposta a isso, direi que não me excedi, penso que fui até onde sentia que devia ir. Não caio na hipocrisia ou na tentação de dizer que este livro até é uma manifestação do respeito que eu tenho pela figura de Jesus, direi apenas que, para mim, ateu, como para um crente, a questão da relação do Homem com um Deus é importante. É essa relação básica, essencial radical, que eu ponho em causa neste livro.

«JL» — Em minha opinião este «Evangelho segundo Jesus Cristo» acentua uma tendência, que já vem dos últimos livros, para uma narrativa progressivamente menos barroca, mais clara, até mais linear, porque tem uma figura central, que se acompanha. Concorda?

J.S. — Concordo. Penso que não era fácil conduzir este livro de outra maneira. De qualquer forma, é realmente verdade que os meus livros têm vindo a encaminhar-se para uma simplificação formal, embora na «História do Cerco de Lisboa» haja dois planos narrativos, e com diferenças de estilo e de linguagem, julgo que «O Evangelho», até pelo próprio tipo de narrativa, que é no fundo contar a vida de alguém à medida que os factos se vão sucedendo, tinha necessariamente de ser mais simples e linear.

Mas de qualquer modo, creio que neste momento da minha vida há uma necessidade de maior contenção de uma certa exuberância, de um certo gosto de cultivar modos de narrar embricados.

«JL» — Este é também o seu primeiro livro que não tem a ver com uma certa realidade portuguesa, actual ou histórica, todos os seus livros estão muito ligados, como me disse quando publicou o livro anterior «aquilo que faço e sou aqui»...

J.S. — Isso é verdade, mas eu não sei até que ponto. Porque eu não quero dizer que este livro só pudesse ter sido escrito por um português, a qualquer escritor de qualquer país onde o Cristianismo é religião podia ocorrer esta ideia, mas em todo o caso aquilo que está aí é também a relação que nós, portugueses, temos com a Igreja Católica, tem a ver com as tensões, os conflitos, as contradições e as dificuldades da vida com essa mesma Igreja. Portanto, de uma certa maneira este livro não está tão ausente de Portugal e da realidade concreta portuguesa de hoje e de sempre como pode parecer, julgo que é um livro que continua, por razões diferentes e por um outro caminho, o que já vinha de trás.

A escrita do livro

«JL» — O Saramago aí há 4 meses disse-me que o livro estava longe de acabar, o que quer dizer que a sua velocidade ou eficácia de escrita continua em grande: durante um mês, em Agosto, no Lisandro, escreveu aí 150 páginas, não?

J.S. — Um terço do livro foi escrito de facto num mês. Não porque eu quisesse acabar o livro à força, não tinha qualquer razão para cair nessa tolice, mas porque pude criar condições de isolamento e de concentração tais que me permitiram viver apenas para o livro, viver com o livro. Mais: podia ter acontecido que, apesar de ter criado essas condições, o livro saísse com dificuldade. O que acontece realmente é que eu vivi um mês como nunca vivi outro, não quero dizer de exaltação ou euforia, mas com a noção do que é viver para um trabalho que nos ocupa por inteiro.

«JL» — Mas já tinha o final do livro na cabeça...

J.S. — Já, tinha apenas de deixar ver como é que as coisas iam saindo e organizando. Escrevi de facto de um jorro, 150 páginas num mês significa 5 páginas diárias: até lhe posso dizer que, em regra, escrevi duas páginas de manhã e três à tarde, porque nisso tenho uma disciplina que acho que dá frutos. E o livro dá-me a mim, e creio que dará aos leitores, uma impressão de coisa sólida.

«JL» — Você deu-me, uma vez, uma boa imagem disso: escrever um livro como uma corrida em que há uma parte, a inicial que custa mais, porque é a subir, e depois há uma parte, a final, que é a descer...

J.S. — É. É. O túnel não é plano, sobe e depois desce, a gente chega ao cimo da lomba do túnel e vê que ainda está longe, mas já lá há uma luzinha. O início deste livro, por exemplo, foi mastigadíssimo, teve 20 ou 30 versões. As duas ou três primeiras páginas são decisivas, preciso de senti-las a meu gosto. No caso do «Evangelho», porém é curioso assinalar que as páginas de que estou a falar não são aquelas com que começa — e já me aconteceu algo de semelhante com o «Levantado do Chão» e com «História do Cerco de Lisboa». É que inicialmente o romance começa logo pelas páginas da concepção de Jesus. Cheguei a acabar esse capítulo e a começar o seguinte, mas com a sensação estranhíssima de que faltava qualquer coisa, o livro não estava a convencer-me. E de repente surtiu a necessidade de escrever um novo 1.º capítulo em que é a descrição minuciosa de uma gravura do Dürer e tem um sentido: é como se eu dissesse aqui está a representação típica deste acontecimento, agora vamos contar a história.

Meditação total sobre o erro

«JL» — O Saramago disse uma vez que toda a sua obra era uma meditação sobre o erro. Agora mais do que nunca?

J.S. — Este livro é, de facto uma meditação total sobre o erro. E neste caso não é um simples erro de interpretação sobre um facto histórico. Mais do que sobre um erro, pode-se dizer que é uma meditação sobre uma falsidade, sobre o vazio. Se Deus não existe, Jesus não pode ser seu filho, toda a sua civilização, chamada judaico-cristã, assenta sobre o nada.

O que eu não gostaria é que este livro fosse encarado apenas sobre os seus aspectos polémicos — que os tem —, mas fosse visto como a obra literária que é.

«JL» — E agora «O Livro das Tentações», de que já me falou há mais de dois anos?

J.S. — Não, não. Outro dia veio-me uma ideia e, como é hábito, surgiu-me um título — embora eu não saiba se ele se manterá para um livro que, fiel ao meu costume, eu chamo já: «Ensaio sobre a Cegueira». É capaz de ser um romance, mas com uma feição mais alegórica, vamos lá ver. «O livro das Tentações» poderá ter a ver mais com certas reflexões autobiográficas, mas sem ser uma biografia, não tenho uma vida que valha a pena contar. É um pouco isto: como é que este senhor que chegou a esta idade, que viveu uma certa vida e que fez um certo trabalho, o que é que ele pensou e viu ao longo do tempo? Não memórias, mas uma certa memória.

«Uma vida que se pode chamar feliz»

«JL» — O próximo, porém, não será este ainda...

J.S. — Será outro, com certeza. Sabe, tive uma ideia — nunca o disse, é a primeira vez que o estou a revelar — que era escrever uma biografia do padre António Vieira, não sei se o chegarei a fazer.

«JL» — Uma biografia romaneada?

J.S. — Sim, não se trataria de uma biografia erudita e fria, mas de uma biografia, romaneada não será a melhor palavra, respeitando os factos históricos, mas contada com muita proximidade... Enfim, não sei ainda bem como, nem sei se um dia o farei, mas que gostava... gostava. A vida do padre António Vieira é impressionantemente rica!

«JL» — Falou há pedaços da idade e que chegou, da vida que viveu e sobre a qual admite escrever. Tem medo da morte?

J.S. — Não tenho. Aos 17 ou 18 anos tornou-me evidente a consciência da morte, isso causou-me um terrível abalo, sofri isso muito a sério, em certos momentos ficava paralisado por essa ideia de a minha vida ter de acabar. Mas como veio passado, foi, talvez, mais um processo de nascimento, de descoberta do mundo, e a partir daí vivi perfeitamente em paz com essa ideia. E o que é mais curioso é que nesta altura da vida — daqui a 15 dias faço 69 anos, estou quase septuagenário... — (risos) tenho uma grande serenidade de espírito, o que talvez se explique por ter uma vida a que se pode chamar feliz. O que me tençiono é viver os anos que ainda tiver para viver, poucos ou muitos, com o meu trabalho, a minha mulher, serenamente. As vezes digo que quem morre com 20 anos morre na sua velhice não sabia. Se podendo ter morrido aos 20 anos eu puder acrescentar pelo menos mais 50, é quase uma eternidade!